

Abola, a nação e a memória

The ball, the nation and the memory

La pelota, la nación y la memoria

Gerson Wasen Fraga

Resumo

Este artigo tem como objetivo apontar alguns caminhos trilhados pela memória acerca do futebol no Brasil. Partindo do pressuposto de que, os estudos envolvendo as práticas esportivas têm encontrado crescimento dentro do campo das ciências sociais, e de que o futebol, em específico, configura-se como um importante fenômeno cultural no Brasil, busca-se apontar como tal crescimento repercute em termos de criação de uma memória específica, envolvendo a trajetória dos meios de comunicação, as vinculações entre futebol e política ao longo da história e o posicionamento da intelectualidade brasileira.

Palavras-chave: Memória. Futebol. Identidade nacional.

Bola ao centro

O futebol conquistou seu espaço no meio intelectual brasileiro. De prática cultural elitista e exótica a instrumento de alienação popular a serviço das elites, o esporte bretão passou, a partir da década de 1980, a ser percebido como um campo privilegiado para a compreensão das transformações econômicas, políticas e sociais de nossa história ao longo do século XX. Com efeito, diversos são os centros e grupos de pesquisa cujos trabalhos têm focado o futebol como instrumento de análise, o que por sua vez resulta na produção de uma boa quantidade de livros, artigos e *papers*¹.

A relação entre o futebol e as ciências humanas no Brasil, contudo, nem sempre teve entrosamento. Durante longos anos,

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul/Erechim.

Recebido em 10/09/2012 - Aprovado em 06/11/2012

<http://dx.doi.org/10.5335/hdtv.13n.2.3723>

o assunto foi tratado como algo menor, indigno de esforços por parte de nossa intelectualidade. Tal perspectiva (que em muito refletia um histórico de afastamento entre o saber acadêmico e o cotidiano popular brasileiro), sabidamente, foi reforçada ao longo do regime militar brasileiro, quando as conquistas do selecionado canarinho passaram a integrar as ferramentas que o regime utilizava em seu favor. Essa associação direta entre a pátria de chuteiras e a pátria de farda cerrou os olhos de muitos pesquisadores para a importância do futebol enquanto instrumento de representação e compreensão da sociedade brasileira. O futebol, em outras palavras, deveria ser ouvido, mas não lido (exceto quando pelos jornais ou revistas especializadas); visto, mas não pensado; praticado nos tempos de folga, mas nunca estudado.

Pretendemos, neste artigo, apontar brevemente alguns dos caminhos trilhados pelo futebol em busca de sua legitimação enquanto objeto de análise por parte das ciências humanas no Brasil. Muito embora, saibamos da amplitude do tema proposto e das limitações de espaço inerentes a um texto dessa natureza, acreditamos que tal exercício seja importante na medida em que a proliferação dos estudos acadêmicos sobre o futebol constitui-se, em última instância, na produção de uma memória acerca do esporte que popularmente integra nossa identidade nacional advinda de universidades e grupos de pesquisa (ou seja, uma memória social e politicamente produzida a partir das instituições de ensino superior). Bola ao centro, iniciemos o jogo.

A memória dos primeiros chutes

A memória do futebol brasileiro é contada a partir do centro do país. Com efeito, a versão que atribui a paternidade do esporte bretão, entre nós, apenas a Charles Miller (São Paulo) e Oscar Cox (Rio de Janeiro) promove uma série de lacunas em nossa memória esportiva e social, ignorando realidades diversas em uma nação de dimensões continentais. Anos antes de Miller desembarcar em São Paulo com suas bolas de futebol na bagagem, os jesuítas, influenciados por visitas feitas a estabelecimentos educacionais ingleses, incentivavam a prática rudimentar do esporte no Colégio São Luiz, na cidade de Itu, vendo neste um instrumento para uma atividade corporal sadia, conforme, os ditames, então em voga, do higienismo (SANTOS NETO, 2002). No Rio Grande do Sul, o contato estreito com a região platina e a implantação das primeiras linhas férreas e frigoríficos, a partir da inversão de capitais ingleses, levaram ao surgimento de clubes ao longo da região da fronteira com o Uruguai e no litoral Sul que, durante três décadas, rivalizaram em hegemonia com os clubes de Porto Alegre². Pelos diversos portos do país, marinheiros ingleses, ao final do século XIX, praticavam o futebol em seus momentos de folga, despertando o interesse e a curiosidade daqueles que por ali passassem.

Contudo, a memória futebolística brasileira tem em Charles Miller seu grande herói³. Segundo Hilário Franco Júnior, tal perspectiva integra uma espécie de “versão oficial” de nossa história, privilegiando as elites como protagonistas que concederiam direitos às classes menos favorecidas. Tal

qual nossa emancipação política, a abolição da escravatura ou mesmo a proclamação do regime republicano, o futebol teria entre nós a característica de uma benesse concedida a um povo incapaz de ser agente ativo de sua própria história (2007, p. 61).

Assim, estabelecer paternidades quase heroicas e datas oficiais não esclarece as relações entre o futebol e a sociedade brasileira. Pelo contrário, suas significações mais profundas residem no processo de apropriação pelos diversos setores sociais que o transformaram em fenômeno de massas (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 62).

Essa criação, ocorrida ao longo da primeira metade do século XX, está intimamente ligada à atuação da imprensa que, desenvolvendo-se dentro de moldes capitalistas, percebia o potencial do futebol enquanto produto vendável, capaz de atrair a atenção de seus leitores e, por conseguinte, vender jornais. Assim, as primeiras análises produzidas, vinculando o futebol com nossa nacionalidade, são apresentadas nas páginas dos periódicos mesclando aspectos opinativos e interpretativos. Os textos encontravam-se eivados das visões elitistas existentes, distinguindo o jogo praticado pela elite dentro de um pretenso espírito amador daquele praticado nos arrabaldes e periferias dos grandes centros urbanos (PEREIRA, 2000).

Não causa estranheza, portanto, que a primeira obra de fôlego interpretativo acerca de nosso futebol tenha vindo das mãos de um jornalista. Com efeito, *O negro no futebol brasileiro*, obra de Mário Filho, em que pese seu caráter romaneado e seu foco exclusivo no cenário carioca, possui o mérito de apresentar à nossa intelectualidade as vinculações entre futebol e brasilidade, estabe-

lecendo o contraponto às perspectivas racia- listas do começo do século XX. A obra, até hoje citada e criticada, possivelmente seja o primeiro trabalho a integrar a memória futebolística nacional externamente ao âmbito literário. Destaque-se, também, o prefácio redigido por Gilbero Freyre em 1947, no qual o sociólogo pernambucano, já reconhecido pela publicação de Casa-Grande & Senzala, chancela a obra de Mário Filho dentro da historiografia brasileira.

Aqui está um capítulo da história do futebol no Brasil que é também uma contribuição valiosa para a história da sociedade e da cultura brasileiras na sua transição da fase predominantemente rural para a predominantemente urbana. Além disto, as páginas mais sugestivas de Mário Filho nos põem diante do conflito entre estas duas forças imensas – a racionalidade e a irracionalidade – no comportamento ou na vida dos homens. No caso, homens do Brasil. Homens de uma sociedade híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas e não apenas europeias (FREYRE, 2003, p. 24).

Já então, a literatura havia despertado para o potencial do futebol como tema, retratando não somente sua prática, mas a associação apontada por Gilberto Freyre entre a popularização do jogo e o processo de urbanização do Brasil. Um dos primeiros exemplos, nesse sentido, advém do modernista Antônio de Alcântara Machado que, em 1927, publicou o livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, no qual consta o conto “Corinthians (2) vs. Palestra (1)”. Dando visibilidade a um tema até então “pouco nobre” para a criação artística, Alcântara Machado ousou, ainda, ao colocar como personagens principais de seu conto figuras femininas que torcem

avidamente pelos seus clubes, contrariando o paradigma do futebol como universo exclusivamente masculino. O fenômeno não ficaria restrito a esse autor. Outros nomes da literatura modernista, como Oswald e Mário de Andrade explicitariam em seus poemas a forma com que o futebol tomava conta das grandes cidades.

Hoje quem joga?
O Paulistano. Para o Jardim América das
rosas e dos pontapés!
Friedenreich fez goal! Corner! Que juiz!
Gostar de Bianco? Adoro. Qual Bartô...
E o meu xará maravilhoso!...
- Futilidade, civilização (ANDRADE, s/d,
p. 47).

Contudo, se na primeira metade do século XX a massificação do apreço pelo futebol já apontava sua condição de elemento constituinte da identidade nacional, sua difusão pelo país acompanhava o desenvolvimento dos meios de comunicação, impondo uma espécie de “geografia da grande mídia” ainda hoje perceptível. Com efeito, a popularização do rádio e o desenvolvimento das cadeias de comunicação levavam aos distantes rincões do país os jogos envolvendo os times e personagens do eixo Rio-São Paulo, ao mesmo tempo em que o surgimento de revistas semanais informativas (notadamente *O Cruzeiro*, cuja circulação possuía uma abrangência nacional) mostravam aos leitores os rostos dos heróis e dos vilões de cada rodada. Criava-se, assim, uma identidade e uma memória centralizadas, em que o interior era capaz de se reconhecer e se identificar com o centro (com seus clubes, seus jogadores, seu cotidiano) sem que o inverso fosse verdadeiro. Nomes como Leônidas, Zizinho ou Heleno de Freitas passaram a ser

conhecidos por todo o Brasil, sem que isto demandasse a contrapartida pelo centro em se reconhecer no cotidiano futebolístico dos estados mais distantes da federação. Assim, a difusão do futebol pelo Brasil na primeira metade do século XX obedeceu a lógicas que expressaram, ao seu modo, o problema de nossa identidade nacional mal consolidada, na qual a parte é tomada pelo todo, mas o todo é visto como um conjunto de retalhos de tonalidades diversas e inconciliáveis.

Esse primeiro momento encontra seu ápice com a realização da Copa do Mundo de 1950 em solo brasileiro. A organização do certame tinha entre seus principais objetivos oferecer a imagem de um Brasil moderno, capaz de grandes conquistas e realizações. Por meio do futebol, procurava-se provar ao mundo nossa condição de civilizados, contrariando a perspectiva de uma imensa selva a cercar uma ou duas cidades. É em busca desse objetivo que as seis cidades-sede prepararam-se e receberam atletas e jornalistas (a afluência de torcedores vindos do exterior era ainda muito pequena)⁴. Era uma forma de, ainda que por pouco tempo, receber visibilidade, provocando a sensação, talvez falsa ou transitória, de que passaríamos a entrar no mapa dos povos desenvolvidos.

É possível mapearmos esse propósito observando as manifestações daqueles que não foram escolhidos para mostrar sua civilização e, assim, “entrar no mapa”. Em Salvador, por exemplo, um dos articulistas do jornal *A Tarde* assim manifestava sua frustração por não ver a cidade como uma das sedes daquele certame:

Por que não deram à Bahia um estádio a altura de seu conceito no país? Em que ficaram as promessas no sentido de Salvador ser também conhecida no mundo inteiro como uma cidade onde não há onças ou cobras nas ruas? Vejam a propaganda que jogadores suíços e iugoslavos, ingleses e norte-americanos já fizeram de Belo Horizonte. Não pensavam que além do Rio e de São Paulo houvesse outro centro civilizado no Brasil. E irão dizer que em Recife, em Curitiba e em Porto Alegre também não há bichos voadores e mordedores ou índios nas ruas (A TARDE, 27/6/1950, p. 5).

A derrota na última partida da Copa do Mundo de 1950 criou ao menos três fenômenos estranhos em nossa memória, mas relacionados entre si. O primeiro diz respeito a uma suposta culpabilização dos jogadores negros que compunham a defesa do selecionado brasileiro (o goleiro Barbosa, o Zagueiro Juvenal e o lateral Bigode) que pretensamente teriam falhado nos gols uruguaios. Sendo tal atribuição de culpa um fato ocorrido na historiografia futebolística nacional⁵, seria imaginável encontrar exemplos da mesma nos periódicos brasileiros que à época buscaram respostas para os motivos daquela que seria apontada como “a maior tragédia da história do Brasil”⁶. Os textos jornalísticos da época, contudo, não exploraram o aspecto racial, existindo artigos que apontam Barbosa, Bigode e Juvenal como culpados, assim como artigos que descarregam suas frustrações sobre outros nomes do selecionado ou sobre a seleção como um todo, incluindo a comissão técnica. A racialização da culpa não se deu, dessa forma, por meio de textos jornalísticos, ao menos não expressamente⁷. Afinal, qual seria a necessidade de dizer o óbvio? Estávamos há apenas

sessenta e dois anos da abolição e, a rigor, não seria impossível imaginar que dentre as 200 mil pessoas presentes à partida final no Maracanã, houvesse uma que trouxesse na pele as marcas do regime servil. Cremos que a culpabilização não era dita porque não era necessário que assim o fosse diante da persistência da estrutura de pensamento que a legitimava entre nós.

O segundo fenômeno, diretamente relacionado ao anterior, está alicerçado na ideia de que a conformação racial do brasileiro, resultante de uma grande miscigenação, teria gerado um povo inapto para realizações e conquistas, o que encontraria comprovação no insucesso nacional de 1950. Tal justificativa, tributária da ação de intelectuais que, durante o século XIX e boa parte do XX atribuíram um valor negativo à presença de caracteres negros e indígenas em nossa formação, encontrou ressonância em alguns jornalistas da época nos mais diversos pontos do país, explorando uma espécie de genética da falta de patriotismo e legitimando estereótipos e estigmas que, em caso de vitória, ficariam guardados para momentos mais oportunos.⁸

E por que perdemos?

Perdemos não só pelas falhas gritantes de Bigode e Barbosa, nos dois lances que redundaram em tentos uruguaios, como também pela falta de fibra, de energia e de brios dos nossos jogadores “que se esqueceram que estavam disputando uma Copa do Mundo”. Além disso, houve muita máscara e excesso de otimismo, pois, segundo os jornais, o nosso *team* era o melhor do mundo e nosso trio atacante era fenomenal (A TARDE, 19/6/1950, p. 5).

O revés [dos] brasileiros, ao contrário, era a decepção, o utilitarismo, a falta de espírito combativo, a inércia, a pretensão e a ausência absoluta de preparo psicológico, este último um elemento sem dúvida alguma, que sobrava no *team* representativo do Uruguai amigo (CORREIO DO POVO, 18/7/1950, p. 14).

Por fim, o terceiro fenômeno trata de uma figura criada *a posteriori*, logo rebatida pelos acontecimentos e por seu próprio criador, mas que se entranhou de forma indelével na memória esportiva nacional: trata-se da “síndrome de vira-latas”, expressão criada por Nelson Rodrigues no contexto da preparação brasileira para o mundial de 1958.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos (RODRIGUES, 1994, p. 51-52).

A força da imagem criada por Nelson Rodrigues resistiu à própria conquista do selecionado brasileiro em 1958. De pouco adiantou o autor anunciar, em nova crônica, que a partir do título na Suécia “já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional”, que “o povo não se julga mais um vira-latas” ou que “o triunfo embelezou-nos” e

que seríamos assim, na pior das hipóteses, “ex-buchos” (RODRIGUES, 1994, p. 60-61). A figura anteriormente produzida pelo cronista tirava sua força de uma imagem já consolidada e que remetia à própria ideia da mestiçagem como algo depreciativo, apresentando como personagem principal a “pátria de chuteiras”, elemento privilegiado para a construção de metáforas acerca da brasilidade. Contudo, novas formas de imagens surgiriam nesse momento, incrementando os caminhos pelos quais se constitui a memória futebolística nacional.

A memória, a bola, a política e a sociedade

O período que se estende entre o fim dos anos 1950 e o início da década de 1970 pode ser facilmente identificado como a época de ouro do futebol brasileiro, quando craques do porte de Pelé e Garrincha desfilavam sua arte pelos gramados do mundo. Se a transformação do Brasil “vira-latas” em tricampeão mundial seria suficiente para produzir uma imagem perene a respeito da época, há um fator que contribui, decisivamente, para a consolidação da memória futebolística desse período: a disseminação da produção e exibição de imagens dos jogos, culminando, no caso brasileiro, com as transmissões ao vivo do mundial de 1970, no México.⁹

A memória nacional criada a respeito das três primeiras conquistas mundiais é perpassada ainda pelo contexto político vivido pelo país, o que nos aponta uma espécie de contraponto à perspectiva de que futebol e política não se misturam. Por um

lado, as conquistas de 1958 e 1962 integram a imagem do período desenvolvimentista iniciado por Juscelino Kubitschek e que se estende ao projeto nacionalista de João Goulart. Tempos de Bossa Nova, de urbanização, industrialização, de uma nova capital. No cenário interno, as transmissões por rádio e as filmagens do Canal 100¹⁰, ambos difundidos amplamente pelo território brasileiro, consolidavam a autoimagem do Brasil como país do futebol no momento em que o Torneio Rio-São Paulo passava a ser disputado com regularidade. Evidencia-se, assim, a continuidade da construção de uma memória acerca do futebol nacional que, em realidade, responde muito mais aos acontecimentos do centro do país e de seus clubes. Efeito da centralização e do poder de alcance dos maiores meios de comunicação, esse fenômeno repete o que ocorria já no período anterior a 1950, reforçando a legitimação de um “modo de jogar” e um “modo de torcer” (o carioca) como representativos da nação (por mais evidente que tais “modos”, correspondentes a um futebol de mais técnica em detrimento da força física, e de intervenções festivas nas arquibancadas, sejam meras criações discursivas).

Por outro lado, a imagem daquela que é considerada a maior seleção brasileira de todos os tempos parece estar indelevelmente ligada à ditadura civil-militar implantada no país a partir de 1964. Essa ligação (que novamente nos evidencia que a memória acerca do futebol é eivada de memórias sociais e políticas) parece ter como motor alguns elementos que devem aqui ser elencados.

O primeiro fator está na já citada ligação contextual, que permitiu ao regime da ditadura pós-64 utilizar a conquista brasileira como instrumento de propaganda. E, talvez, nunca uma seleção brasileira tenha sido uma cópia tão fiel do regime político nacional. Com efeito, toda a estrutura administrativa do selecionado no México estava sob a mão dos militares: o Almirante Heleno Nunes, que à época comandava a Confederação Brasileira de Desportos (CDB) no plano esportivo e a ARENA no plano político entregou a chefia da delegação ao coronel Tinoco Marques. O major Kleber Camerino desempenhava a função de secretário enquanto o tenente Osvaldo Costa Lobo atuava como assessor. A supervisão geral ficava a cargo do Major Carlos Cavalheiro, enquanto a equipe responsável pela preparação física contava com o capitão Cláudio Coutinho, o tenente Raul Carlesso e o civil Carlos Alberto Parreira (FRANCO JUNIOR, 2007 p. 145). Sendo o futebol um instrumento privilegiado de reificação da nação, nada mais apropriado que fazer da seleção um símbolo de afirmação do próprio regime.

Tal aspecto ecoava nas páginas da grande imprensa da época, que não tardou em ver a vitória brasileira como um fato eminentemente político. Os registros da alegria popular nas ruas ou do General-Presidente Médici recebendo a taça das mãos do capitão Carlos Alberto eram ladeadas por textos nos quais o futebol exerce o papel de defesa da pátria em perigo diante da ameaça revolucionária.

Há, contudo, na homérica proeza dos pupilos de Zagalo, outro aspecto digno de nota: o de propaganda – o de boa propaganda – do Brasil no Exterior. Somos um país quase ignorado no resto do mundo. E que ultimamente, ainda por cima, entrou a sofrer uma campanha organizada e teledirigida de difamação e calúnias, por obra da conspiração esquerdista mundial, que porfia em ver o Brasil transformado numa “República Popular”, ao figurino de Cuba ou da Tcheco-Eslováquia. Então, por isso, se trata de desmoralizar os governantes e as elites brasileiras, e de pintar o nosso país como um desolado e triste cenário de opressão, miséria e fome. Mas como num país em tão calamitosas condições de vida pode ser organizada uma seleção de jogadores de futebol, saída das camadas mais humildes do povo, com um vigor físico, uma habilidade, uma arte e uma alegria de competir esportivamente que chegam a suplantar o que apresentam as representações de nações desenvolvidas e de milenar civilização?

Vamos convir [que] a “Jules Rimet”, em mãos dos brasileiros, se constitui numa pílula demasiado amarga para os detratores do Brasil (CORREIO DO POVO, 23/6/1970, p. 4).

O discurso dos periódicos, contudo, permitia-se ir além da simples transposição entre a nação e o selecionado ou ainda de denunciar a pátria em perigo diante de um pretense avanço esquerdista no mundo. Aos próprios brasileiros contrários ao regime era negada a condição de brasilidade e, no campo do jogo político, eram equiparados aos adversários batidos no campo esportivo. Sua “sede de violência” que desaguaria na luta armada era comparada à “disciplina” e “patriotismo” dos pupilos de Zagalo. Em outras palavras, excluía-se esses brasileiros do conjunto da nação, negando-lhes mesmo

a participação naquilo de Benedict Anderson (1989) chama de “comunidade imaginada”. Um bom exemplo está no texto “Da unidade nacional em torno de um caneco”, de autoria do jornalista Murilo Melo Filho, publicado na Revista Manchete de 11 de julho de 1970, do qual apresentamos alguns trechos.

Acontece, porém, que vários torcedores, expulsos dos estádios e proibidos de neles ingressar por dez anos, organizaram-se fora deles e partiram para o crime e o desespero. Substituíram as bandeiras pelas armas, as faixas pelas bombas e as camisas pelas máscaras.

Que torcedores tão fanáticos eram esses? Quando presos ou liberados nos resgates, verificava-se que não se tratava dos crioulos das gerais ou dos operários das arquibancadas, mas sim de jovens estudantes, das cadeiras de pista, com média de 23 anos de idade, fascinados pelo delírio da aventura e enlouquecidos pela sede de violência que desaguaria numa onda de atentados, sequestros e assaltos a mão armada [...]

-Não passaremos das oitavas.

O presidente da República, que havia assistido ao jogo contra a Áustria, última (e melhor) prova antes da partida, pediu a seu filho Roberto que fosse ao vestiário dizer ao capitão Carlos Alberto:

-Traga essa Copa. Nunca precisei tanto de um caneco.

-Diga a seu pai que pode ficar descansado. Nós traremos o caneco.

E se o capitão falou, estava falado. A promessa seria cumprida ao longo de seis provas duríssimas, nas quais um grupo de brasileiros patriotas, humildes, disciplinados e capazes – indivíduos competentes, olha a camisa deles! - deslumbrou o mundo inteiro com seu futebol-arte [...].

A turma do sereno não estava satisfeita com toda essa alegria, assaz desinteressante para os planos negativistas do quanto pior melhor, do povo triste, do país derrotado, da nação incapaz. Na fumaça das comemorações da vitória sobre o Peru, espocavam outros tiros menos festeiros e mais certos. Mas nem mesmo o sequestro do embaixador de um país que poderíamos enfrentar nas semifinais conseguiu desviar o povo das celebrações que, num crescendo, desaguariam no maior carnaval de todos os tempos. O Brasil estava muito ocupado com seus triunfos para preocupar-se com seus terroristas.

-Vamos, minha gente [...]

Quem, por exemplo, esperasse uma caça às bruxas ou uma noite de São Bartolomeu logo após o reaparecimento do embaixador alemão, recebeu a notícia da Rodovia Transamazônica [...].

E pela primeira vez, nestes seis anos, abriram-se ao povo os portões do Palácio da Alvorada. E o povo confraternizou com seu presidente, jogou bola com ele, penetrou na zona do agrião, tirou de letra, deu de chilena e de primeira, estendeu um lençol, fez o corta-luz e a ponte, os passes de profundidade e a cobertura, os dois toques e a embaixada.

-Ninguém segura este país (MANCHETE, 11/7/1970, p. 20-21).

É importante perceber que, no caso específico do selecionado de 1970, dois fenômenos incidem sobre a produção da memória futebolística, quicá de forma complementar. O primeiro diz respeito ao reforço posterior de uma imagem atrelando aqueles obscuros dias à luminosidade do futebol apresentado pelo Brasil. Se, por um lado, matérias como as apresentadas acima negam sistematicamente a repressão (a necessidade de negar o que não existe é sempre um sinal de que o

negado, talvez, não seja tão irreal assim!) e, ao lado daquelas puramente ufanistas, tentam promover a imagem do país vencedor, foi somente no contexto da distensão do regime militar que a denúncia da barbárie no contexto da conquista do tri-campeonato mundial pode tomar corpo, servindo o filme “Pra frente Brasil” como exemplo paradigmático¹¹. Passados pouco mais de dez anos, o cenário político brasileiro passava a permitir, ainda que lenta e gradualmente, a transformação da imagem da conquista no México, passando de símbolo de um regime ditatorial a elemento de um contexto marcado pela tortura e pelos crimes de Estado.

O segundo fenômeno diz respeito à recusa da academia brasileira em reconhecer o futebol, um notório fenômeno de massas, como objeto legítimo de estudo. As raízes de tal postura, certamente, podem ser associadas a posições manifestas por expoentes de nossa cultura na primeira metade do século XX, como Graciliano Ramos, que via o futebol como um modismo passageiro incapaz de constituir raízes entre os brasileiros, ou mesmo Lima Barreto, que em 1919, juntamente com outros intelectuais, criaria a “Liga contra o futebol”. Mesmo os já citados modernistas, cujas imagens do urbano por vezes incluíam a prática do esporte bretão, encontraram em suas fileiras vozes de oposição, bastando lembrar a figura já citada de Mario de Andrade que, em “Macunaíma”, arrola o futebol como uma praga, equiparada ao bicho do café e à lagarta rosada (ANDRADE, 1978, p. 61-62).

Ao mesmo tempo, o uso do futebol por parte dos mandatários nacionais é uma prática arraigada em nossa cultura, remetendo

aos primeiros anos da Era Vargas (1930-1945), quando este valia-se da distribuição de ingressos junto à máquina sindical para encher os estádios (notadamente o de São Januário) que transmitiriam seus discursos durante os intervalos. Vargas desenvolvera ainda a prática de receber atletas e delegações diante das lentes dos fotógrafos¹², algo que, recordemos, possui dois sentidos complementares: apresenta o mandatário máximo da nação como alguém que comunga dos mesmos hábitos e paixões de seus governados, como “um brasileiro a mais” a torcer pelo selecionado, criando uma imagem que o aproxima dos populares, ao mesmo tempo em que a deferência prestada ao líder do executivo o coloca no papel de “brasileiro número um”, lídimo representante da nação, especialmente nos momentos vitoriosos, quando o ato é revestido de grande visibilidade.

A repetição desse cerimonial durante o regime militar brasileiro e a visualização, por parte dos militares, do poder de agregação do futebol, colaborou para a identificação deste como um objeto ilegítimo de estudo por parte das ditas Ciências Humanas. Nesse sentido, a ampla cobertura dada pelos órgãos de imprensa à recepção aos tricampeões por parte do general Médici, em um momento de sabido recrudescimento da repressão política, contribuiu para que a intelectualidade nacional desenvolvesse reservas quanto ao estudo do tema. O fenômeno já seria identificável durante a realização do mundial de 1970. Conforme Hilário Franco Junior, mesmo nos aparelhos guerrilheiros discutia-se qual seria a postura de um verdadeiro revolucionário quando dos jogos do

Brasil, gerando uma situação oscilante de torcida contra e a favor, provocando “fissuras irreparáveis nas mais aguerridas convicções ideológicas” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 144). Há que lembrarmos, porém, que a utilização do futebol por parte dos militares foi muito além da utilização da imagem vitoriosa. O próprio campeonato nacional de clubes, disputado a partir de 1971, expressa o nítido desejo de promover a integração nacional a partir do esporte mais popular, envolvendo representantes de todos os estados e territórios em uma mesma disputa.

Essa utilização do futebol como instrumento de propaganda por parte dos militares não pode, igualmente, ser dissociada do contexto da Guerra Fria e de seus reflexos ideológicos no Brasil. Com efeito, se a propaganda militar apoiava-se na conquista brasileira no México e na popularidade do futebol, o caminho inverso, no qual esse esporte passava a ser visto como o “ópio do povo” era facilmente trilhável. Promovia-se a separação entre as arquibancadas e a intelectualidade, sendo que os intelectuais viam os frequentadores daquelas como simples massa de manobra à disposição do autoritarismo. Assim, o pesquisador da área de humanidades que desejasse frequentar a arquibancada de um estádio deveria fazê-lo de forma quase clandestina. Voz dissonante naquele contexto, Joel Rufino dos Santos comentava, ao perguntar-se se o futebol seria digno de uma análise histórica:

Se se supõe que as ciências sociais devam responder, primeiro, às indagações da cabeça dos intelectuais, claro que não. Nelson Rodrigues escreveu, com razão, que não há um só personagem da nossa literatura que saiba bater um mísero *corner*.

Os estrangeiros se surpreendem de que no “país do futebol” não se haja escrito uma única história do futebol. Quanto aos nossos principais editores, parecem convencidos de que “futebol não vende” - quem gosta de futebol não compra livros, quem compra livros não gosta de futebol.

Seria fácil demonstrar - e tanta gente já o fez - que o conhecimento intelectual do Brasil se move em redoma. Nada sabemos do nosso próprio povo embora, frequentemente, falemos em seu nome. Ora, como o futebol se transformou, aqui, em arte popular, caiu nessa gigantesca zona de sombra que dificulta a compreensão de nossa própria realidade. O que é do povo não interessa (1981, p. 77-78)¹³.

Embora seja necessário ressaltar que, essa conquista de legitimidade por parte do futebol enquanto objeto de pesquisa diante da academia brasileira suscite controvérsias, dado que muitos professores ainda veem os trabalhos sobre o esporte bretão como algo de menos importância, é oportuno perguntarmos como e porque ocorre tal ganho. Sem esgotar as possibilidades, gostaríamos aqui de levantar alguns pontos que nos parecem dignos de nota. Inicialmente, há o alargamento do campo de objetos da história, levando ao estudo dos mais diversos fenômenos que compõem o cotidiano. Ora, talvez, poucas práticas sejam tão marcadas no dia a dia nacional quanto o futebol, ou, ao menos, as discussões que lhe envolvam, bastando percebermos o espaço que lhe é destinado nos grandes meios de comunicação para aferir tal fenômeno¹⁴. Isso conduz à discussão sobre se esse espaço é reflexo do interesse social pelo tema ou se, ao contrário, ele pauta as conversas que ocorrem pelas ruas, bares, escritórios e outros espaços, debate, a nosso ver, estéril, uma vez que os dois caminhos parecem se locupletar.

Ao mesmo tempo, os estudos envolvendo o futebol têm se apropriado em grande medida de questões identitárias, seja a nível nacional, regional ou mesmo local. Nesse sentido, a forma com que o futebol imbrica-se com as estruturas de pertencimento tem sido percebida como um contraponto à ideia da aldeia global, na qual a massificação dos hábitos levaria a formas semelhantes de torcer¹⁵. Nesse processo, a afirmação da temática tem provocado um vantajoso diálogo da história com outras disciplinas, tais como a antropologia, as ciências sociais, a literatura e a geografia, produzindo uma vasta produção que se opõe à ideia de que quem gosta de futebol não compra livros¹⁶. No mesmo movimento, os estudos envolvendo o futebol no Brasil têm discorrido de forma profícua com trabalhos produzidos em outros países, onde este esporte possui já uma certa tradição como objeto de pesquisa dentro do mundo universitário. Podemos citar aqui, como exemplo, a boa penetração que têm recebido no Brasil os trabalhos produzidos na Argentina, em especial aqueles conduzidos pelos professores Pablo Alabarces e Julio Frydenberg¹⁷. Além desses, trabalhos originalmente editados no Reino Unido têm encontrado tradução para o português, permitindo-nos uma maior interação com o que vem sendo pesquisado além-mar nos últimos anos¹⁸. Por fim, registre-se o belo trabalho de diálogo que o laboratório de história do esporte e do lazer da UFRJ vem produzindo com os países africanos de língua portuguesa, resultando em publicações em que o esporte como um todo tem integrado a identidade nacional de tais nações após o processo de descolonização (MELO, BITTENCOURT, NASCIMENTO, 2010).

Buscando novos caminhos

Se o terreno conquistado pelo futebol nos últimos anos junto ao universo acadêmico é uma realidade, também o é que muito ainda há para ser trilhado, não somente no meio universitário, mas na própria sociedade. Basta aqui lembrar que, em que pese o visível incremento do público feminino nos estádios (principalmente a partir da majoração dos valores dos ingressos e do processo de reelitização das torcidas, ora em curso) e o crescimento do número de meninas praticantes do futebol, pouco há no país com referência à constituição de uma memória da prática futebolística entre as mulheres. Outras temáticas envolvendo o jogo, dentro do campo ou nas arquibancadas como as torcidas *gays* ou o futebol de cegos, também, carecem de uma maior atenção por parte dos pesquisadores, revelando-se como um campo em aberto para os estudos e, por conseguinte, para a sistematização de uma memória. Nesse sentido, podemos mesmo nos questionar se o futebol, tomado como instrumento de interpretação social, estaria a revelar não apenas as políticas de inclusão surgidas nos últimos anos, mas também os preconceitos que persistem em nossa sociedade e em nossa memória.

Há que se destacar, também, que alguns clubes têm estabelecido uma reformulação conceitual em seus museus, que deixam de ser meras salas de troféus para tornarem-se espaços interativos, possibilitando, inclusive, a realização de eventos, o que pode estabelecer um profícuo vínculo entre futebol, identidade e educação patrimonial. Embora, tais casos ainda sejam raros

(até porque se inserem dentro das novas concepções de estádio e de público que por ora se implantam no Brasil, e porque o museu é, sabidamente, um espaço que não frequenta a lista de prioridades de nossos clubes), é digno de nota aqui o trabalho desenvolvido no Museu do Sport Club Internacional, já anteriormente à execução das obras de modernização do estádio Beira-Rio.

Essa trajetória percorrida pelos estudos acadêmicos envolvendo o futebol, transformando-o em objeto legítimo de estudo, deve ser saudada, uma vez que tal mudança de postura traz consigo a valorização de um importante elemento de identidade nacional. E nossa identidade, bem sabemos, é perpassada, em boa medida, pelas coisas que envolvem este esporte, seja praticado ou assistido. A memória nacional, sempre em construção, agradece.

Abstract

This paper aims at pointing out some paths taken by memory about soccer in Brazil. Assuming that the studies involving sports have found growth in the field of social sciences, and football in particular appears as an important cultural phenomenon in Brazil, we show how this growth affects in terms of creating a memory specific, involving the trajectory of the media, the links between football and politics throughout history and position of the Brazilian intelligentsia.

Keywords: Memory. Football. National identity.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo apuntar algunos caminos trillados por la memoria acerca del fútbol en Brasil. Partiendo de la presuposición que los estudios envolviendo las prácticas deportivas tienen encontrado crecimiento en el interior del campo de las ciencias sociales, y que el fútbol en específico se configura como un importante fenómeno cultural en Brasil, procuramos apuntar como tal crecimiento repercute en términos de creación de una memoria específica, envolviendo la trayectoria de los medio de comunicación, las vinculaciones entre fútbol y política a lo largo de la historia y el posicionamiento de la intelectualidad brasileña.

Palabras-clave: Memoria. Fútbol. Identidad nacional.

Notas

¹ Apenas para citar alguns exemplos: SPORT – Laboratório de História do Esporte e do Lazer, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); NEFS – Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade, organizado a partir do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR); a instituição da disciplina “História Sociocultural do Futebol” no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP); instituição da disciplina “História Social do Futebol”, com o *status* de opcional, pelo departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); o Grupo de Pesquisa “História e Memória do Futebol, liderado pelo professor Frederico de Castro Neves, do departamento de História da Universidade do Ceará (UFC); Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),

que neste ano de 2012 promoveu na cidade de Florianópolis seu II Simpósio de Futebol; LUDENS – Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Modalidades Lúdicas, reunindo pesquisadores de universidades públicas e privadas do estado de São Paulo. O rol de exemplos certamente poderia prosseguir por um longo espaço.

² Cf: JESUS (2001). O campeonato gaúcho passou a ser disputado a partir de 1919, com interrupções nos anos de 1923 e 1924. Até 1939, os seguintes clubes do interior venceram a competição: Grêmio Esportivo Brasil (Pelotas), em 1919; Guarany Futebol Clube (Bagé), em 1920 e 1938; Grêmio Esportivo Bagé (Bagé), em 1925; Esporte Clube Pelotas (Pelotas) em 1930; Sport Club São Paulo (Rio Grande) em 1933; 9º Regimento de Infantaria (hoje “Grêmio Atlético Farroupilha” da cidade de Pelotas), em 1935; Sport Club Rio Grande (Rio Grande), em 1936; Grêmio Foot-Ball Santanense (Santana do Livramento), em 1937; e o Foot-Ball Club Rio-Grandense (Rio Grande), em 1939. Todas essas cidades pertencem à chamada “metade sul” do estado.

³ Tal versão é repetida sistematicamente pelos meios de comunicação brasileiros sempre que estes se referem aos primórdios do futebol entre nós.

⁴ A Copa do Mundo de 1950 teve como sedes: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Recife.

⁵ A tese é apresentada, por exemplo, por Mário Filho, na nota à segunda edição de “O negro no futebol brasileiro”. Hilário Franco Júnior, na obra já citada, também apresenta esta tese. (RODRIGUES FILHO, 2003, p 16) e (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 91).

⁶ Dentre outras publicações, a expressão se encontra em: (GALEANO, 2010, p. 91). Ver também: (PERDIGÃO, 1986).

⁷ Cf.: FRAGA (2009). A inexistência de tal culpabilização é apontada também por: MOURA (1998, p. 144).

⁸ Citamos aqui alguns exemplos de autores que, em maior ou menor medida contribuíram para a construção de uma autoimagem depreciativa do brasileiro, a partir de sua configuração racial, ação do meio, fatores históricos ou outras justificativas quaisquer: Euclides da Cunha, em “Os sertões”, ao se referir ao sertanejo, cunhou a figura do “Hércules Quasímodo”, figura embrutecida configurada por um meio hostil em oposição ao brasileiro litorâneo e moderno. Oliveira Lima, em “Formação histórica da nacionalidade Brasileira” identificou a assimilação da cultura nacional, inferior, pela europeia, superior, como o

caminho necessário à civilização, à superação da “barbárie”. Monteiro Lobato, em Urupês, criou o Jeca Tatu, matuto que foge constantemente da civilização representada pelo italiano. Já Paulo Prado, em “Retrato do Brasil” retoma a ideia do povo triste, fruto da busca desenfreada do prazer, do sonho da riqueza fácil, da ação do meio ambiente e do surgimento de um bacharelismo inútil travestido de romantismo. Cf.: CUNHA (2000); (LIMA, 2000); (LOBATO, s/d); (PRADO, 1962).

⁹ É curioso perceber que a memória acerca do mundial de 1950, no Brasil, está fundamentada, sobretudo, sobre depoimentos e fotografias. Apenas algumas poucas imagens em película sobraram da filmagem feita quando da partida decisiva entre brasileiros e uruguaios. Segundo Ruy Castro, o material, gravado por Milton Rodrigues – irmão de Nelson Rodrigues e Mário Filho – sumiu misteriosamente por volta de 1963, incluindo cópias e negativos, havendo as hipóteses de que as fitas teriam sido consumidas em um incêndio ou simplesmente furtadas. Paulo Perdigão, porém, faz referência à existência de algumas cenas, que foram aproveitadas no filme “Garrincha: alegria do povo”, dirigido por Joaquim Pedro, em 1962. Cf.: CASTRO (1992); (PERDIGÃO, 1986).

¹⁰ O Canal 100 foi uma empresa cinematográfica especializada em registrar imagens de partidas futebolísticas no Rio de Janeiro sob a forma de um cine-jornal. Esse material, de reconhecida qualidade visual, era posteriormente exibido nos maiores cinemas do país, antes da exibição dos filmes em cartaz. Suas atividades encerraram-se no final do século XX.

¹¹ O filme, dirigido por Roberto Farias, foi lançado em 1982, mas apenas no ano seguinte seria liberado, em versão sem cortes.

¹² A Revista do Globo, do dia 13 de maio de 1950, traz em suas páginas 48 e 49 uma cena ilustrativa desse hábito. Na imagem o presidente Getúlio Vargas, em recepção ao elenco brasileiro que preparava-se para a Copa do Mundo de 1950, aparece apertando a mão do centroavante Adãozinho, do Sport Club Internacional, e que compunha o grupo inicial de jogadores que se preparava para o mundial daquele ano. A legenda da foto diz: “CONTACTO com as massas sempre foi cultivado por Getúlio, que democraticamente recebia as delegações de futebol. Ei-lo aqui apertando a mão de Adãozinho, jogador gaúcho em disputa no Rio. ‘Como é seu nome?’ – perguntou Getúlio Dorneles Vargas ao moreno. ‘Adão Dorneles, respondeu o craque. ‘Se é Dorneles, é bom’, disse o presidente”.

¹³ O próprio Rufino cita, em nota, a existência de algumas “Histórias” do futebol brasileiro então publicadas. De lá para cá a realidade tem mudado, como já tivemos oportunidade de comentar acima.

¹⁴ A seção destinada aos esportes constitui-se em um espaço nobre dos jornais, sendo que a temática normalmente ganha manchetes de capa ou contracapa. As redes de televisão constituem noticiários específicos para o universo esportivo. Já a programação de inúmeras rádios é repleta de inserções ou de programas direcionados para as práticas esportivas, incluindo aqueles que se dedicam apenas ao debate. Em todos estes espaços, o futebol é tema preponderante, em detrimento dos demais esportes.

¹⁵ No dia 25 de março de 2012, o jornal *Zero Hora* trazia como matéria de capa uma reportagem sobre a construção do novo estádio do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e sobre as reformas no Estádio Beira-Rio, do Sport Club Internacional. Sob a manchete “vai mudar até o jeito de torcer”, a matéria ressalta as transformações que os novos espaços trarão para os hábitos de seus torcedores. Tanto o modelo do novo estádio do Grêmio quanto as reformas no estádio do Internacional, pensadas para a Copa do Mundo de 2014, são inspiradas nos padrões europeus de estádio, fazendo com que o futebol seja apenas um detalhe a mais em uma estrutura que comporta *shopping centers*, hotéis e restaurantes.

¹⁶ Citamos alguns trabalhos publicados ou produzidos no Brasil, a título de exemplo: (DAMO, 2002); (GIULIANOTTI, 2002); (HOLLANDA, 2004); (ANTUNES, 2004); (JESUS, 2001).

¹⁷ Ver, a título de exemplo: (ALABARCES, 2002); (ALABARCES, 2003); (FRYDENBERG, 2011).

¹⁸ Os melhores exemplos aqui são o já citado livro de GIULIANOTTI (2002) e (ELIAS; DUNNING, 1992).

Bibliografia

ALABARCES, Pablo (Org.). *Futbológicas: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

- ANDRADE, Mário de. *De Paulicéia Desvairada a Café (poesias completas)*. São Paulo: Círculo do Livro [s. d.].
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma (o herói sem nenhum caráter)*. São Paulo: Martins, 1978.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro não há quem possa! Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Unesp, 2004.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves/São Paulo: Publifolha, 2000.
- DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- FRAGA, Gerson Wasen. *"A derrota do Jeca" na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950*. Porto Alegre: Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2009.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRYDENBERG, Julio. *História social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado em Geografia Humana. São Paulo: USP, 2001.
- LIMA, Oliveira. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*. Rio de Janeiro: Topbook. São Paulo: Publifolha, 2000.
- LOBATO, José Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense [s. d.].
- MELO, Victor Andrade; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto (Orgs.). *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- MOURA, Gisela de Araújo. *O rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.